



ISSN 2359-5051

# Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação  
Interdisciplinar de Professores

---

## A DIVERSIDADE CULTURAL E A MEMÓRIA COLETIVA EM CAMPO GRANDE: UMA ANÁLISE MULTIDISCIPLINAR

### THE CULTURAL DIVERSITY AND COLLECTIVE MEMORY IN CAMPO GRANDE: A MULTIDISCIPLINARY ANALYSIS

Gabriela Palacio Lopes<sup>1</sup>

#### RESUMO

Neste estudo, analisa-se a diversidade cultural e a memória coletiva de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, a partir de uma abordagem interdisciplinar. A pesquisa examina como os patrimônios arquitetônicos da cidade refletem e integram as contribuições culturais de diversos grupos étnicos que ali se estabeleceram, incluindo indígenas, paraguaios, italianos, japoneses e árabes. Utilizando as teorias de memória e identidade cultural de autores renomados como Jeanne Marie Gagnebin, Beatriz Sarlo, Alfredo Bosi, Stuart Hall e Chimamanda Ngozi Adichie, o artigo explora as interações entre essas teorias e as representações arquitetônicas de Campo Grande. O estudo destaca a importância da preservação da diversidade cultural e das múltiplas narrativas como elementos fundamentais para a construção de uma identidade coletiva inclusiva e rica, contribuindo para a compreensão aprofundada da história e da cultura local.

**Palavras-chave:** Diversidade cultural, Memória coletiva, Patrimônio arquitetônico, Campo Grande, Identidade cultural.

#### ABSTRACT

This study analyzes the cultural diversity and collective memory of Campo Grande, the capital of the state of Mato Grosso do Sul, from an interdisciplinary perspective. The research examines how the city's architectural heritage reflects and integrates the cultural contributions of various

---

<sup>1</sup> Bacharel em Arquitetura e Urbanismo (UFMS). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais (PPGCULT) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS/CPAQ Email: gabriela\_lopes@ufms.br



ethnic groups that have settled there, including indigenous people, Paraguayans, Italians, Japanese, and Arabs. Using the memory and cultural identity theories of renowned authors such as Jeanne Marie Gagnebin, Beatriz Sarlo, Alfredo Bosi, Stuart Hall, and Chimamanda Ngozi Adichie, the article explores the interactions between these theories and the architectural representations of Campo Grande. The study highlights the importance of preserving cultural diversity and multiple narratives as fundamental elements for building an inclusive and rich collective identity, contributing to a deeper understanding of local history and culture.

**Keywords:** Cultural diversity, Collective memory, Architectural heritage, Campo Grande, Cultural identity.

## 1. INTRODUÇÃO

A cidade de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, é um exemplo emblemático de multiculturalidade no Brasil. Fundada em 1872, Campo Grande rapidamente se tornou um ponto de confluência para diversas culturas e etnias, incluindo indígenas, paraguaios, italianos, japoneses, árabes e muitos outros. Cada um desses grupos trouxe consigo suas tradições, costumes e influências arquitetônicas, que, ao longo do tempo, se integraram ao tecido urbano da cidade, contribuindo para a formação de uma identidade cultural rica e diversa.

Este trabalho busca explorar e analisar a relação entre os patrimônios arquitetônicos de Campo Grande e as teorias de memória e identidade cultural desenvolvidas por estudiosos renomados, como Jeanne Marie Gagnebin, Beatriz Sarlo, Alfredo Bosi, Stuart Hall e Chimamanda Ngozi Adichie. Através de uma abordagem interdisciplinar, pretende-se investigar como a diversidade cultural da cidade é refletida em suas construções e espaços públicos, e como essas representações arquitetônicas se conectam com as narrativas de memória, resistência e identidade.

Ao explorar a interação entre as teorias de memória e identidade cultural e os patrimônios arquitetônicos de Campo Grande, esta pesquisa busca destacar a importância da diversidade cultural na construção de uma identidade coletiva inclusiva e rica. A preservação e valorização das diferentes memórias e narrativas são essenciais para compreender plenamente a história e a cultura da cidade. Campo Grande, com sua arquitetura multicultural e sua resistência cultural, serve como um exemplo vivo da necessidade de reconhecer e celebrar a pluralidade de histórias e experiências que compõem a nossa sociedade.

## 2. DIVERSIDADE CULTURAL EM CAMPO GRANDE, MS.



Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, é uma cidade marcada pela rica diversidade cultural resultante da confluência de diversas etnias e tradições. Sua multiculturalidade é refletida tanto na vida cotidiana quanto no seu patrimônio cultural e arquitetônico, que incorpora elementos de diferentes culturas que formaram a identidade local (Gasparotto, 2015; Santos, 2012).

## 2.1 Influências Culturais em Campo Grande

Campo Grande recebeu influências de vários grupos étnicos ao longo de sua história, destacando-se entre eles:

a) Indígenas: A região é habitada por diversas etnias indígenas, incluindo os Terena, Guarani-Kaiowá e Kadiwéu. As culturas indígenas influenciam a arte, as tradições e até a arquitetura local, visíveis em algumas construções que incorporam elementos naturais e estilos que remetem às habitações tradicionais indígenas.

A Aldeia Urbana Marçal de Souza é um exemplo de sua representação: Embora não seja um exemplo de arquitetura no sentido tradicional, a Aldeia Urbana é uma comunidade indígena que preserva e promove a cultura dos povos indígenas, influenciando a arquitetura local com elementos tradicionais e práticas sustentáveis (Santos, 2012).

b) Paraguaiois: A proximidade com o Paraguai trouxe uma significativa influência cultural paraguaia. Isso se manifesta na culinária, música e festividades locais. O som da polca paraguaia e do chamamé é comum nas festas, e a chipa, um tipo de pão de queijo, é um alimento bastante apreciado.

Sua arquitetura é representada nos Casarões do Centro Histórico: Alguns casarões no centro de Campo Grande, construídos no início do século XX, mostram influências da arquitetura paraguaia, especialmente na utilização de varandas e elementos decorativos simples, mas elegantes, refletindo a proximidade cultural e geográfica com o Paraguai (Gasparotto, 2015).

c) Italianos: Os imigrantes italianos contribuíram grandemente para a economia e cultura locais. A arquitetura de alguns bairros e as tradições festivas refletem essa influência. A Festa Italiana, por exemplo, celebra essa herança com gastronomia e música típicas (SANTOS, 2012). A Igreja São Francisco de Assis, localizada no bairro Vila Margarida, é um exemplo da influência italiana na arquitetura religiosa de Campo Grande. A simplicidade e funcionalidade do design remetem às tradições italianas de construção (Santos, 2012).

d) Japoneses: A imigração japonesa deixou uma marca permanente em Campo Grande.



Através da arquitetura, gastronomia e o Festival do Japão, mostram como a cultura japonesa é preservada e celebrada na cidade. No âmbito da arquitetura, a sede da Associação Okinawa incorpora elementos tradicionais japoneses em suas decorações e organizações internas do prédio, serve como um centro de preservação e promoção da cultura japonesa em Campo Grande (Almeida, 2016).

e) Árabes: Os imigrantes sírios e libaneses também se estabeleceram em Campo Grande, trazendo consigo suas tradições culinárias e comerciais. Restaurantes e mercados árabes são comuns e muito populares na cidade. A edificação da Mesquita de Campo Grande, localizada no bairro Vila Glória, é um exemplo marcante da arquitetura islâmica na cidade, com seu minarete, cúpula e detalhes decorativos que remetem à tradição arquitetônica árabe (Carvalho; Ferreira, 2018).

## 2.2 Patrimônios Culturais e Obras Arquitetônicas

A cidade de Campo Grande possui diversos patrimônios culturais que refletem essa diversidade étnica e cultural. Alguns dos mais representativos incluem:

a) Morada dos Baís: Um dos edifícios mais antigos da cidade, construído em 1918, a Morada dos Baís é um exemplo da arquitetura eclética que combina estilos diversos. Hoje, é um centro cultural que abriga exposições e eventos, mantendo viva a história da cidade (Santos, 2012).

b) Horto Florestal: Inaugurado em 1923, é um espaço de preservação ambiental e lazer, refletindo a preocupação com a integração do meio ambiente e a qualidade de vida urbana, aspectos valorizados por várias culturas que contribuíram para o desenvolvimento da cidade (Gasparotto, 2015).

c) Mercadão Municipal: O Mercado Municipal Antônio Valente é um ponto de encontro de diferentes culturas, onde produtos típicos da culinária local e internacional são encontrados. É um símbolo da diversidade gastronômica de Campo Grande, onde se encontram especiarias, ervas medicinais e alimentos típicos de várias etnias (Martins; Souza, 2019).

d) Jardim Japonês: Inaugurado em 1998, é uma homenagem à comunidade japonesa e um espaço de contemplação e preservação da cultura nipônica. Representa a estética e a filosofia japonesa de harmonia com a natureza (Almeida, 2016).

e) Obelisco: Construído em 1933, o Obelisco é um marco histórico de Campo Grande e um ponto de referência no centro da cidade. Simboliza o progresso e o desenvolvimento urbano (Gasparotto, 2015).



f) Igreja Matriz de Santo Antônio: Construída em estilo colonial português, a igreja matriz é um dos marcos históricos mais antigos da cidade, refletindo a influência da arquitetura portuguesa com seus arcos e azulejos decorativos (Santos, 2012).

### 2.3 Representação nas Obras Arquitetônicas

A arquitetura de Campo Grande é um testemunho da sua multiculturalidade. Edifícios históricos e contemporâneos apresentam uma fusão de estilos que refletem as diversas influências culturais. A preservação desses edifícios é crucial para manter viva a memória dos diferentes povos que contribuíram para a formação da identidade da cidade (Santos, 2012; Martins; Souza, 2019).

a) Estilo Eclético: Predominante em muitos edifícios antigos, o estilo eclético combina elementos de diferentes tradições arquitetônicas, refletindo a diversidade cultural da cidade (Gasparotto, 2015).

b) Elementos Modernistas: A modernização da cidade trouxe o estilo modernista, que coexiste com as construções tradicionais, criando um contraste interessante e evidenciando a evolução urbana (Martins; Souza, 2019).

c) Arquitetura Contemporânea: Recentemente, projetos contemporâneos incorporam conceitos de sustentabilidade e integração com o meio ambiente, influenciados por uma consciência global, mas também respeitando as tradições locais (Gasparotto, 2015).

## 3. MEMÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA

A análise dos patrimônios arquitetônicos de Campo Grande, MS, à luz das teorias de memória e identidade cultural de Jeanne Marie Gagnebin, Beatriz Sarlo, Alfredo Bosi, Stuart Hall e Chimamanda Ngozi Adichie, revela a complexidade e a riqueza da formação identitária urbana. A cidade, com sua história de acolhimento e integração de diversas etnias, representa um mosaico cultural cujas influências são visíveis em suas construções e espaços públicos.

Jeanne Marie Gagnebin, em "Verdade e Memória do Passado" (Gagnebin, 2018), discute a natureza dinâmica e subjetiva da memória, ressaltando a importância de reconhecer e preservar as múltiplas narrativas históricas. A autora argumenta que a memória é um processo contínuo de reconstrução, influenciado pelas experiências e contextos sociais dos indivíduos e comunidades.

Em Campo Grande, a Morada dos Baís e o Mercado Municipal são exemplos



emblemáticos de como diferentes memórias culturais são preservadas e celebradas (Santos, 2012). A Morada dos Baís, um dos edifícios mais antigos da cidade, funciona hoje como um centro cultural, abrigando exposições e eventos que mantêm viva a história local. O Mercado Municipal Antônio Valente, por sua vez, é um ponto de encontro de diversas culturas, onde produtos típicos da culinária local e internacional são encontrados, simbolizando a diversidade gastronômica e cultural da cidade.

Esses patrimônios culturais não são apenas marcos físicos, mas também representações simbólicas da diversidade de experiências e histórias que compõem a identidade coletiva de Campo Grande. A preservação desses espaços permite que as memórias das diferentes comunidades que contribuíram para o desenvolvimento da cidade sejam reconhecidas e valorizadas. Além disso, esses locais servem como espaços de socialização e troca cultural, onde as tradições são mantidas e renovadas.

### 3.1 Guinada Subjetiva e Pluralidade de Narrativas

Beatriz Sarlo, em "Tempo Passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva" (Sarlo, 2007), destaca a importância de valorizar as memórias individuais e subjetivas como uma forma de resistir às narrativas hegemônicas. Sarlo argumenta que a memória não deve ser vista apenas como um registro do passado, mas como um campo de disputa onde diferentes vozes e perspectivas buscam reconhecimento. Em Campo Grande, a arquitetura multicultural, exemplificada pela Mesquita de Campo Grande e pelo Jardim Japonês, reflete essa pluralidade de narrativas (Almeida, 2016).

A Mesquita de Campo Grande, construída pela comunidade árabe local, é um símbolo da presença e contribuição dos imigrantes árabes na cidade. Este edifício não só serve como um local de culto, mas também como um centro comunitário onde a cultura árabe é preservada e transmitida às novas gerações. Da mesma forma, o Jardim Japonês, inaugurado em 1998, é uma homenagem à comunidade japonesa e um espaço de contemplação e preservação da cultura nipônica. Este jardim representa a estética e a filosofia japonesa de harmonia com a natureza, oferecendo um espaço de tranquilidade e reflexão em meio à urbanidade.

Cada uma dessas construções representa uma história única e contribui para a construção de uma identidade urbana mais rica e diversificada. A valorização dessas memórias subjetivas é crucial para a inclusão de todas as vozes na história coletiva da cidade. Ao reconhecer e celebrar essas diferentes narrativas, Campo Grande constrói uma identidade que é ao mesmo tempo multifacetada e inclusiva.



### 3.2 Condição Colonial e Resistência Cultural

Alfredo Bosi, em "As Sombras das Luzes na Condição Colonial" (Bosi, 2007), explora como os ideais iluministas foram apropriados e distorcidos no contexto colonial. Bosi argumenta que a resistência cultural é uma forma de contestar e subverter a opressão colonial, promovendo uma identidade própria e autêntica. Em Campo Grande, essa resistência cultural se manifesta na preservação das tradições e patrimônios de diversas comunidades, incluindo as já citadas anteriormente (Carvalho; Ferreira, 2018).

Essas tradições e patrimônios culturais servem como formas de resistência contra a hegemonia cultural, promovendo uma identidade multifacetada que valoriza e preserva a diversidade. Ao manter vivas essas tradições, as comunidades de Campo Grande não apenas preservam sua herança cultural, mas também afirmam sua presença e contribuem para a formação da identidade da cidade.

### 3.3 Estudos Culturais e Diversidade

Stuart Hall, em "Estudos Culturais: Dois Paradigmas" (Hall, 2003), discute o Culturalismo e o Estruturalismo como abordagens para entender a cultura. Hall argumenta que a cultura pode ser vista tanto como prática vivida quanto como um sistema de significados. Em Campo Grande, a diversidade arquitetônica pode ser analisada através dessas duas abordagens, revelando a complexidade da identidade cultural da cidade (Gasparotto, 2015).

O Culturalismo enfoca a cultura como um conjunto de práticas e significados compartilhados que são continuamente produzidos e reproduzidos pelas pessoas em sua vida cotidiana. Esse aspecto é evidente na convivência harmoniosa das diversas comunidades étnicas de Campo Grande, que contribuem com suas tradições e costumes para a vida urbana. Já o Estruturalismo analisa como as estruturas sociais e ideológicas moldam e determinam as práticas culturais. A arquitetura da cidade, que combina estilos e influências de diferentes culturas, ilustra como esses significados são incorporados e reinterpretados ao longo do tempo.

A coexistência de diferentes estilos arquitetônicos e influências culturais na cidade, como os elementos modernistas e contemporâneos, cria um contraste interessante e evidencia a evolução urbana. A preservação desses edifícios é crucial para manter viva a memória dos diferentes povos que contribuíram para a formação da identidade da cidade. Esse mosaico arquitetônico reflete a complexidade e a riqueza da identidade cultural de Campo Grande,



destacando a importância de uma abordagem interdisciplinar para sua compreensão.

### 3.4 O Perigo de uma História Única

Chimamanda Ngozi Adichie, em "O Perigo de uma História Única" (Adichie, 2009), alerta sobre os riscos de aceitar uma visão única e simplificada sobre pessoas e culturas. Adichie argumenta que a predominância de uma única narrativa pode levar à desumanização e à criação de estereótipos. Este conceito é fundamental para entender a importância da diversidade de narrativas em Campo Grande. Os patrimônios arquitetônicos da cidade representam diferentes histórias e experiências, evitando a redução da identidade urbana a uma única narrativa dominante (Martins; Souza, 2019).

A inclusão de múltiplas histórias enriquece a compreensão da identidade cultural e promove a justiça social. Por exemplo, o Mercado Municipal, além de ser um ponto de encontro cultural, também serve como um espaço onde diferentes tradições gastronômicas se encontram e se misturam. Da mesma forma, o Obelisco, construído em 1933, simboliza o progresso e o desenvolvimento urbano, representando uma parte importante da história da cidade.

Ao reconhecer e celebrar as diversas influências culturais que compõem a identidade de Campo Grande, a cidade evita a armadilha de uma história única. Em vez disso, promove uma visão inclusiva e multifacetada de sua história, que valoriza a contribuição de todas as comunidades.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração das teorias de memória e identidade de Gagnebin, Sarlo, Bosi, Hall e Adichie com a análise dos patrimônios arquitetônicos de Campo Grande oferece uma visão abrangente da importância da diversidade cultural e das múltiplas narrativas. A preservação e valorização dessas memórias são essenciais para a construção de uma identidade coletiva inclusiva e rica. Campo Grande, com sua arquitetura multicultural e sua resistência cultural, serve como um exemplo vivo da necessidade de reconhecer e celebrar a pluralidade de histórias e experiências que compõem a nossa sociedade.

Tal a análise foi baseada nos principais ideais de cada um dos textos principais abordados, de Jeanne Marie Gagnebin entendeu-se a importância de reconhecer e preservar as múltiplas narrativas históricas, sublinhando a natureza dinâmica e subjetiva da memória.



Beatriz Sarlo enfatizou a valorização das memórias subjetivas e individuais como forma de resistência às narrativas hegemônicas.

Alfredo Bosi, ao analisar a condição colonial e a resistência cultural, demonstra como as formas de expressão cultural, incluindo a arquitetura, podem servir como ferramentas de resistência contra a hegemonia cultural. Stuart Hall, em sua obra sobre os Estudos Culturais, apresenta os paradigmas do Culturalismo e do Estruturalismo para entender a cultura. E Chimamanda Ngozi Adichie, ao alertar sobre o perigo de uma história única, destaca a importância de valorizar as múltiplas narrativas para evitar estereótipos e desumanizações.

Ao valorizar e preservar os diferentes patrimônios culturais e arquitetônicos, Campo Grande demonstra o poder da memória coletiva e da resistência cultural na formação de uma identidade urbana diversa e inclusiva. A análise interdisciplinar deste estudo revela que a integração de múltiplas narrativas e a celebração da diversidade cultural são fundamentais para uma compreensão mais completa e justa da história e da identidade de qualquer sociedade. A cidade, com sua história de acolhimento e integração de diversas etnias, representa um mosaico cultural cujas influências são visíveis em suas construções e espaços públicos.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOSI, Alfredo. As sombras das luzes na condição colonial. *In: Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 87-117.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. *In: Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 39-48.

GASPAROTTO, Marcio. **Patrimônio Cultural de Campo Grande: Arquitetura e Identidade**. Campo Grande: Editora UFMS, 2015.

HALL, Stuart. Estudos Culturais: Dois Paradigmas. *In: Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 123-150.

SARLO, Beatriz. Tempo Passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva. *In: Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Maria José Ferreira dos. Campo Grande: **Uma História em Patrimônios**. Campo Grande: Ed. UEMS, 2012.

ALMEIDA, João Carlos de. Influências Japonesas na Arquitetura de Campo Grande. **Estudos Japoneses**, v. 14, n. 1, 2016, p. 45-67.



CARVALHO, Lúcia Maria de; FERREIRA, Júlio César. **A Influência Árabe na Arquitetura de Campo Grande**. Campo Grande: Editora UFMS, 2018.

MARTINS, Ana Paula; SOUZA, Rodrigo dos Anjos. Arquitetura e Memória: A Preservação dos Patrimônios Históricos de Campo Grande. **Revista de Patrimônio Cultural**, v. 9, n. 2, 2019, p. 89-112.